

NEOLIBERALISMO, PRECARIZAÇÃO DO TRABALHO E SENTIMENTO DE LIBERDADE EM ESTOU ME GUARDANDO PARA QUANDO O CARNAVAL CHEGAR

Marcela Borges Paterlini¹
Denise Figueiredo Barros do Prado²

Resumo

Neste artigo, analisa-se o documentário *Estou me guardando para quando o carnaval chegar* (2019), apontando como a progressiva adesão social à razão neoliberal (Dardot; Laval, 2016) e à reestruturação produtiva (Antunes, 2009) conduzem a processos que fortalecem a precarização do trabalho, ensejando, contraditoriamente, ideias de liberdade, independência e autonomia. A metodologia baseia-se na análise discursiva audioverbovisual do documentário, por meio da reflexão sobre os processos de formação discursiva das cenas (Brandão, 1993; Foucault, 2000). O objetivo é discutir como as dimensões de sentido emergentes no material estudado se colocam pela fricção entre os discursos sonoros e visuais, ponderando sobre as potencialidades conflitivas e gerativas que a interseção dessas materialidades engendra, revelando quadros tensionados referentes às múltiplas formas de precarização do trabalho.

Palavras-chave

trabalho; precarização; neoliberalismo; cinema; documentário.

Abstract

In this article, the documentary "Estou me guardando para quando o carnaval chegar" (2019) is analyzed, pointing out how the progressive social adherence to neoliberal reason (Dardot; Laval, 2016) and productive restructuring (Antunes, 2009) lead to processes that strengthen the precariousness of work, giving rise, contradictorily, to ideas of freedom, independence and autonomy. The methodology is based on the audioverbovisual discursive analysis of the documentary, based on reflection on the discursive formation processes of the scenes (Brandão, 1993; Foucault, 2000). In the analysis, it is discussed how the dimensions of meaning emerging in the analyzed material are constituted by the friction between the sound and visual discourses, based on the conflicting and generative potentialities that the intersection of these materialities engenders, revealing multiple forms of precarious work.

Keywords

work; precariousness; neoliberalism; cinema; documentary.

1 Mestranda do Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade Federal de Ouro Preto, marcela.paterlini@aluno.ufop.edu.br, <https://orcid.org/0009-0008-8657-6460>, <http://lattes.cnpq.br/1022972856792264>.

2 Doutora, docente do Programa de Pós-graduação em Comunicação e do Departamento de Jornalismo da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP), denise.prado@ufop.edu.br, <https://orcid.org/0000-0002-0547-9896>, <http://lattes.cnpq.br/1304113577874377>.

Introdução

"Aqui, somos as donas", é assim que uma personagem de *Estou me guardando para quando o carnaval chegar*³ (2019) define uma das principais características da dinâmica de trabalho retratada no filme – ao mesmo tempo em que se evidencia o pagamento contabilizado pelas peças produzidas ao longo do dia. Com direção e roteirização de Marcelo Gomes, o documentário é um retrato da cidade de Toritama (PE), situada no agreste pernambucano, de seus habitantes e das diversas relações de trabalho que ali se estabelecem em função da produção de peças jeans em pequenas "facções".

A narrativa do documentário se inicia a partir da perspectiva de Marcelo Gomes. Ele relata que conhecia a cidade desde a infância, quando ela vivia um contexto ruralizado. Ao retornar a ela, já adulto, mais de 30 anos depois, depara-se com uma cidade cujo trabalho produtivo se concentra na confecção de jeans, tornando-se a maior produtora nacional desse tipo de vestuário (cuja produção representa cerca de 18% do jeans consumido no Brasil⁴).

Ao adentrar na cidade, seguindo a velocidade do carro da equipe, coloca-se uma sequência de planos que contrastam o céu azul e a caatinga com imagens de outdoors irrompendo (e interrompendo) a paisagem com publicidades de jeans. A partir desse momento, tenta-se, visualmente, apresentar a mescla constitutiva daquela cidade – intercalando o rural e o industrial, que coexistem em disputa pelos tons e sentidos que percorrem as imagens – mostrando, em sequência, os espaços de produção do jeans de Toritama.

Com isso, destaca-se, que a economia local se constrói em torno dessa cadeia produtiva sem se desvincular da candente transformação dos modos de vida locais. As relações de trabalho se tornam todas informais, tendo como principal característica a remuneração por fragmento de peça produzido. Pequenos núcleos produtivos, construídos de forma irregular e precarizada, chamados de "facções", em geral localizados nos próprios domicílios, são formados por trabalhadores e trabalhadoras que se associam, exercendo atividades fragmentadas na composição das peças, como costura de fragmentos de peças (botões, mangas, adereços), inserção de botões e caseados, aplicação de zíperes, entre outras atividades.

Entre os trabalhadores entrevistados no documentário, há um discurso compartilhado que destaca, com otimismo, as possibilidades de trabalho sustentadas pela re-

3 O nome do documentário faz referência ao filme brasileiro *Quando o Carnaval Chegar* (1972), com roteiro e direção de Cacá Diegues. A obra teve trilha sonora composta por Chico Buarque, que também lançou, com Nara Leão e Maria Bethânia, o álbum homônimo. Esses artistas também integraram o elenco do filme.

4 Para mais informações, ver a reportagem: "Os impactos da indústria têxtil brasileira: do algodão ao jeans de Toritama", publicada no site da Carta Capital, em 23 out. 2020. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/blogs/fashion-revolution/os-impactos-da-industria-textil-brasileira-do-algodao-ao-jeans-de-toritama/>. Acesso em: 25 out. 2023.

muneração da produtividade individual, a flexibilidade de horas e a remuneração mais elevada (se comparada com trabalhos anteriores, como em fábricas ou no corte de cana). Essas posições contrastam com as imagens que evidenciam a precariedade dos espaços, a rotina exaustiva e a longa jornada (de 14 a 16 horas diárias).

Na última parte do documentário, é mostrada a única época do ano em que há uma pausa no trabalho das facções: o Carnaval. Nos dias que antecedem ao feriado, as pessoas mostram-se animadas pela possibilidade de viajar para a praia, descansar, mas apreensivas com os custos. Muitos vendem suas posses (televisão, geladeira, fogão...) para assegurar os dias de descanso no litoral. No documentário, o Carnaval não é tratado somente como uma ocasião de descanso e festa, mas também como um momento de "protagonismo dos corpos insubordinados" (Fernandes; Herschmann; Barroso, 2019). São gravadas, pelos próprios personagens, cenas de brincadeira, repouso, relaxamento e diversão nas ruas em blocos de Carnaval.

Nessas cenas, emergem *insubordinações* que se constituem nos escapes (e interstícios) do tempo controlado do trabalho: "é através do corpo, pelo modo de estar, na dança, na fantasia e na performance que fica visível que as práticas destes grupos operam no dissenso em que a imprevisibilidade dos percursos conduz a uma atitude mais 'autônoma' dos corpos-coletivos urbanos" (Fernandes; Herschmann; Barroso, 2019, p. 161). O Carnaval aparece, então, na narrativa, como essa urgência premente que permite ao corpo e ao ser fantasias e transformações nas maneiras de estar, capaz de promover rasuras nas experiências cotidianas pela alegria e pela celebração do descanso. No retorno à Toritama, no entanto, já ao fim do documentário, são mostradas as facções novamente ativas, com trabalho intenso por longas horas, evidenciando a complexidade de se viver o dia a dia industrial toritamense.

Em seu conjunto, o documentário é marcado pela exibição das contradições entre o discurso dos personagens entrevistados e as rotinas trabalhistas. Ao mesmo tempo em que relatam trabalho intenso e extenso nas facções, os trabalhadores e as trabalhadoras dizem ter a sensação de flexibilidade e controle pessoal das experiências de trabalho: "A gente entra e sai na hora que a gente quer", comenta a personagem⁵ para, logo depois, relatar que trabalha das 5h da manhã às 22h da noite.

Diante disso, analisa-se o documentário *Estou me guardando para quando o carnaval chegar* (2019) segundo uma reflexão que problematiza como a progressiva adesão social à razão neoliberal (Dardot; Laval, 2016) e à reestruturação produtiva (Antunes, 2009) não se dá dissociada de processos que fortalecem precarização do trabalho, ao mesmo tempo em que se enseja, contraditoriamente, ideias de liberdade, independência e autonomia.

5 Optamos pelo uso do termo "personagem", já que ele destaca a reflexão proposta pelo pesquisador Bill Nichols, para o qual os filmes do gênero documentário são representações e não vias de acesso ao mundo "real", embora ainda revelem "uma forma distinta de envolvimento no mundo histórico" (Nichols, 2005, p. 74), representando um ponto de vista singular através de uma "voz" documental.

Esse sentimento de liberdade se associa à reflexão do filósofo Byung Chul-Han (2015; 2018), para quem a disciplina de viés neoliberal se caracteriza por ser um auto-governo positivado e legitimado por discursos externos. Ao longo da pesquisa desenvolvida, a partir da qual elaboramos este artigo, refletimos sobre como o processo de reestruturação produtiva é essencial para que essa positividade se instale e alcance seu objetivo de manutenção da força produtiva. Sendo assim, analisamos, por meio do documentário e das condições de trabalho dos personagens ali retratados, como a incidência de uma razão neoliberal, entremeada por transformações políticas e sociais, reverbera na subjetividade e na materialidade do trabalho.

Nesta pesquisa, realizamos uma análise discursiva audioverbovisual do documentário, com base em Foucault (2000) e Brandão (1993), com o intuito de apreender o processo de formação discursiva das cenas. Nessa reflexão, a relação entre enunciado e sujeito é relevante para percebermos a complexidade das situações comunicativas apresentadas no documentário, de forma que nos valem dessa abordagem para percebermos as nuances das relações entre discurso, trabalho e subjetividade.

Segundo Foucault, não é o sujeito que ordena e controla os significados do enunciado. Para ele, descrever a forma do enunciado não se resume a observar as ligações entre o autor e o que ele diz, “mas em determinar qual é a posição que pode e deve ocupar todo indivíduo para ser seu sujeito” (Foucault, 1969 *apud* Brandão, 1993, p. 35). Sob esse viés, interessa-nos pensar os discursos dos personagens enquanto trabalhadores, considerando que eles constroem seus enunciados não somente a partir de suas subjetividades, mas de acordo com a dispersão e a articulação entre vários modos de enunciação (Brandão, 1993).

Adiante, trazemos as reflexões tecidas neste artigo conforme três argumentos cadenciados: a *reestruturação produtiva* e a *razão liberal*, na qual discutimos o contexto de transformação das formas de relacionamento com o trabalho; a *precarização do trabalho das facções*, quando problematizamos as condições a que os trabalhadores e as trabalhadoras encontram-se expostos e como tais elementos são apresentados através de formas discursivas e imagéticas no documentário analisado; e, por fim, *empreendedorismo* e *sentimento de liberdade*, sobre como a percepção dos trabalhadores é enunciada em tensão com as precariedades e explorações das rotinas de trabalho expostas ao longo do documentário.

Reestruturação produtiva e razão neoliberal

A produção das peças em jeans nas facções de Toritama é um exemplo de produção terceirizada e flexível, características herdadas do Toyotismo, sistema que trouxe diversas modificações para o mundo do trabalho a partir da década de 1970. No sistema Fordista, baseado em uma produção linear em massa, com controle do tempo e dos movimentos dos trabalhadores, que atuavam em funções específicas dentro da fábri-

ca, as atividades dos operários eram executadas de forma coletiva, numa gestão com hierarquias bem definidas. No Toyotismo, entretanto, “o cronômetro e a produção em série e de massa são ‘substituídos’ pela flexibilização da produção, pela ‘especialização flexível’, por novos padrões de busca de produtividade, por novas formas de adequação da produção à lógica do mercado” (Antunes, 2016, p. 34).

Segundo Ricardo Antunes, a classe trabalhadora hoje vive um processo de desproletarização do trabalho industrial, que diminui o número de operários em fábricas tradicionais, e, ao mesmo tempo, a subproletarização, “decorrência das formas diversas de trabalho parcial, precário, terceirizado, subcontratado, vinculado à economia informal, ao setor de serviços, etc.” (Antunes, 2009, p. 209). Com isso, o contexto de reestruturação dos modelos de produção mundial e emergência da doutrina neoliberal são fatores que nos ajudam a compreender a presença desse modo de produção “subproletário” no município de Toritama. Enfatizamos, também, que o estímulo à adesão dos trabalhadores ao discurso da autonomia é o que fortalece a manutenção desse sistema, pois tais processos apenas foram possíveis aliados a mudanças de cunho político e ideológico.

Além disso, a modificação dos processos produtivos e o advento do neoliberalismo na década de 1970 – sob o argumento de que o “livre mercado” iria regularizar a defasagem ocasionada pela crise econômica – foram de suma importância para estabelecer uma nova dinâmica de trabalho em escala mundial, com transformações significativas não só na materialidade do trabalho, mas também nos âmbitos social e subjetivo. Se nas doutrinas econômicas exercidas anteriormente, como no liberalismo, a intervenção do Estado na economia deveria ser mínima, no neoliberalismo a abertura do mercado depende do Estado.

Em *A nova razão do mundo* (2016), Pierre Dardot e Christian Laval argumentam que uma das inovações trazidas pelo neoliberalismo “reside no fato de se poder pensar a ordem de mercado como uma ordem construída, portanto, ter condições de estabelecer um verdadeiro programa político (uma ‘agenda’) visando a seu estabelecimento e sua conservação permanente” (Dardot; Laval, 2016, p. 82).

Para que essa agenda seja bem-sucedida, diversas estratégias são utilizadas pelos governos a fim de alinhar suas ações em prol do “livre mercado”. Assim, precisamos analisá-las para compreender a “grande virada” política e econômica da doutrina neoliberal. Junto a Dardot e Laval, destacamos as estratégias de caráter disciplinar, que indicam as mudanças de comportamentos sociais vinculadas a uma ideologia individualista. Conforme os autores explicam, existe uma transformação moral em relação ao trabalho e às políticas de bem-estar social, pois a razão neoliberal argumenta que os auxílios sociais concedidos pelo Estado, além de custosos ao orçamento público, teriam como efeito a desmoralização dos sujeitos. Segundo os pesquisadores, os governantes que utilizam essa estratégia divulgam que:

o 'Estado de bem-estar' querendo promover o bem-estar da população por meio de mecanismos de solidariedade, eximiu os indivíduos de suas responsabilidades e dissuadiu-os de procurar trabalho, estudar, cuidar de seus filhos, prevenir-se contra doenças causadas por práticas nocivas. A solução, portanto, é pôr em ação, em todos os domínios e em todos os níveis, sobretudo no nível microeconômico do comportamento dos indivíduos, os mecanismos do cálculo econômico individual (Dardot; Laval, 2016, p. 206).

No caso do mercado de trabalho, a estratégia é utilizar os gastos públicos com proteção social aos desempregados como argumento para criticar a ineficácia de políticas macroeconômicas. Trata-se de responsabilizar os sujeitos pela sua própria condição social, retirando do Estado o dever de garantir seguridade e direitos de seus cidadãos por meio de políticas de auxílio. Com a ausência do Estado, a necessidade de trabalhar informalmente para garantir seus meios de subsistência é crescente, é uma questão de urgência para evitar a pobreza.

Em um contexto no qual os altos índices de desemprego levam os trabalhadores à informalidade, outra medida fundamental para o sucesso neoliberal é a formalização da flexibilização dos contratos para viabilizar o consumo dessa mão de obra. Como Dardot e Laval explicam, em um Estado neoliberal, "o jurídico pertence de imediato às relações de produção, na medida em que molda o econômico a partir de dentro" (2016, p. 29).

No caso do Brasil, podemos observar como as modificações nas Leis Trabalhistas em 2017, no governo de Michel Temer (2016-2018), revelam a vigência de uma agenda neoliberal no País. Com essa medida, foram alteradas as regulamentações na jornada de trabalho, na contribuição sindical, no direito a férias e na inclusão do trabalho intermitente, contribuindo para a piora das condições trabalhistas, pois ajustam o valor e a disponibilidade de mão de obra em função de sua produção e consumo.

No ensaio "Cidadania sacrificial" (2018), a pesquisadora Wendy Brown indica que o exercício da "governança" em Estados neoliberais se caracteriza por integrar condutas empresariais à política, com o objetivo de ordenar as ações dos cidadãos de acordo com os projetos vinculados ao mercado. E, assim, são eliminadas "da discussão as dimensões política, ética e mesmo normativa que modulam as políticas públicas" (Brown, 2018, p. 18). Apresentando mais benefícios ao mercado e à classe empresarial do que ao trabalhador, as reformas trabalhistas que visam a flexibilização de contratos, horas trabalhadas e salários são anunciadas pelos governantes como políticas necessárias ao crescimento econômico, promovendo um processo de "economicização" da política e da cidadania (Brown, 2018).

Observamos que essa lógica econômica reforçada institucionalmente está presente no discurso dos trabalhadores do documentário analisado, pois se apoiam na ilusão de que trabalhar por conta própria e com mais intensidade traz mais benefí-

cios. Todavia, mesmo que a maioria dos relatos registrados em *Estou me guardando para quando o carnaval chegar* não reconheçam o risco de suas condições de trabalho, percebemos que a narrativa construída pelo documentário tensiona esse problema. Nesse sentido, justapõe os relatos dos personagens e o registro estético da execução das atividades de produção nas facções, revelando a precariedade material daquele contexto. Na primeira parte do filme, por exemplo, o corpo de um homem sem camisa é filmado em plano fechado enquanto ele corta o tecido jeans com uma tesoura e limpa o suor da testa. Mesmo visivelmente desconfortável, o homem procura manter o ritmo de sua atividade.

No documentário, ao mostrar a rotina das facções, uma personagem conta: “Se você fizer 1.000 bocas de bolso num dia, você ganhou 100 reais, que é dez centavos”. Assim, o trabalho em Toritama se encaixa na lógica de trabalho produtivo domiciliar, em que o salário corresponde ao número de peças produzidas, como ela mesma diz: “Vai dar a produção que você dá” (2019, 20’33”). As considerações de Karl Marx sobre essa modalidade de trabalho apontam que:

[...] dado o salário por peça, é natural que o interesse pessoal do trabalhador seja o de empregar sua força de trabalho o mais intensamente possível, o que facilita ao capitalista a elevação do grau normal de intensidade. É igualmente do interesse pessoal do trabalhador prolongar a jornada de trabalho, pois assim aumenta seu salário diário ou semanal (Marx, 2013, p. 413).

Tal interesse pode ser observado no discurso dos trabalhadores: “quanto mais eu tô trabalhando, eu tô ganhando” (2019, 08’31”), “só eu fiz 1.200 [peças] ontem”, “cansa, mas a gente vai ganhar mais, né?” (2019, 18’06”). Os depoimentos registrados nas entrevistas que dão corpo ao filme enfatizam o sentimento positivo dos trabalhadores em definir os próprios horários. Entretanto, os personagens não argumentam sobre a definição do preço pago pelas peças que produzem e nem sobre as condições de seu trabalho.

Consideramos que o sentimento de liberdade e controle da própria rotina de trabalho, expresso por eles, está vinculado à adoção de políticas fundamentadas na doutrina neoliberal, que incidem na transformação da subjetividade e da vida da classe trabalhadora (Dardot; Laval, 2016). Em uma sociedade neoliberal, a transformação dos sujeitos em microempresários significa pôr em prática a estratégia de discipliná-los por meio de processos subjetivos que os levam a deslocar a lógica econômica para todas as esferas da vida (Dardot; Laval, 2016). É nesse sentido que abordamos a questão do fomento ao empreendedorismo, pois avaliamos que o incentivo a essa modalidade de trabalho tem como finalidade colocar o “sujeito-empresa” a serviço do mercado neoliberal por meio da concorrência e autoexploração (Han, 2015).

No caso em tela, no entanto, essa lógica é ainda mais acirrada. No cenário traçado por Dardot e Laval, quanto mais microempresas executam as mesmas atividades, maior é a concorrência entre elas e menor é o preço pago por cada peça produzida. Com isso, os trabalhadores despendem mais tempo e mais força para conseguir o lucro compatível com suas necessidades de subsistência.

No contexto representado no documentário, o uso do termo “facção” enfatiza que o trabalho de costura dos personagens é um serviço terceirizado⁶. Trata-se de uma modalidade de trabalho que promove o agenciamento dos trabalhadores em lógicas autoexploratórias, em relações, para além de concorrenciais, conduzidas pela produtividade exacerbada como forma de assegurar seus ganhos.

Com base em normativas da Organização Internacional do Trabalho (OIT), a legislação trabalhista brasileira define a duração do trabalho de, no máximo, 48 horas semanais e 8 horas diárias, com 24 horas de descanso semanal para os trabalhadores do setor da indústria e comércio. Mas, mesmo que essas normativas sejam estabelecidas para preservar a saúde mental e física dos trabalhadores, ao longo do documentário, podemos observar que a lógica da medida salarial por peça impulsiona as longas jornadas de trabalho.

O desrespeito a essas diretrizes se dá justamente porque qualquer normativa de controle de produtividade e garantia da segurança e saúde dos trabalhadores e trabalhadoras são abolidas, pois não há regulações que alcancem as lógicas da autoexploração. Além disso, estimulados pelo aumento da remuneração e pelo discurso da liberdade de produção e recebimento proporcional ao próprio trabalho, os trabalhadores passam a desempenhar a autoexploração, em favor do sentimento de liberdade para designar os ritmos e ganhos do trabalho.

Como indica Maria Graça Druck, com base na sua pesquisa “A precarização social do trabalho no Brasil: uma proposta de construção de indicadores” (2013), “o conteúdo dessa (nova) precarização é dado pela condição de instabilidade, insegurança, fragmentação dos coletivos de trabalhadores e brutal concorrência entre eles” (2013, p. 56), sendo um movimento que ocorre por vias institucionais, materiais e subjetivas. Em tese, se a relação de trabalho fosse estabelecida a partir de um contrato orientado com base nas leis trabalhistas, o trabalhador teria uma maior regulamentação da jornada de trabalho e a garantia de um salário mensal reduziria a pressão para produzir mais.

Além do desgaste físico, provocado também pela reestruturação que viabiliza a produção doméstica, a “razão neoliberal” reforça a lógica individualista em detrimento da busca por direitos coletivos ao transformar o discurso sobre a instabilidade do trabalho informal no benefício ilusório da “autonomia”, dissimulando a face violenta da autoexploração (Han, 2018) desses sujeitos. As circunstâncias de insegurança e infor-

6 Diferente das empresas de “confeção”, o trabalho nas “facções” necessita da demanda de contratantes do serviço e do fornecimento de materiais. Tal diferenciação explicita ainda mais a dependência dos trabalhadores, contrária a ideia de autonomia (Lira *et al.*, 2020).

malidade das rotinas de trabalho nas facções retratadas em *Estou me guardando para quando o carnaval chegar* são, portanto, evidências do processo de precarização em curso.

Precarização do trabalho nas facções

Nossa discussão sobre o processo de adesão ao neoliberalismo nos permite analisar como a via institucional, material e subjetiva do processo de precarização se estabelece. Percebemos que as imagens construídas no documentário – para além das demais formas discursivas analisadas – operam como elementos de afirmação, de modo mais contundente, da precarização do trabalho em Toritama.

Diferente de documentários marcados por uma perspectiva expositiva, que apresentam um discurso de base científica sobre questões sociais, *Estou me guardando para quando o carnaval chegar* não adota o “modelo sociológico” (Bernardet, 2003 *apud* Souto, 2020) para explicitar os conflitos relativos ao trabalho. Durante todo o filme, ouvimos a voz do diretor, que traz suas observações e inquietações, suas memórias em conflito com o contexto presente, mas é através do discurso visual que a questão da precariedade material a que os personagens estão sujeitos é mostrada com mais intensidade.

Figura 1 – Cena dos personagens em *Estou me guardando para quando o carnaval chegar*



Fonte: Print do filme.

Isso se acentua quando o documentário evidencia o modo de funcionamento das “facções”. Conforme já explicado anteriormente, em Toritama, o trabalho de produção de peças em jeans é realizado em espaços conhecidos como “facções”, pequenos empreendimentos que atuam em espaços improvisados, muitas vezes junto ao am-

biente domiciliar, que não asseguram condições de salubridade mínimas para o cotidiano do trabalho.

Isso se agrava porque, novamente, se o que determina o salário dos trabalhadores das facções é a quantidade e qualidade das peças produzidas por eles, sua força de trabalho é conduzida de modo a acelerar e intensificar o ritmo, expondo-os a longas jornadas de trabalho e a fatores ambientais que agridem sua saúde. Segundo os pesquisadores e as pesquisadoras Paulo Lira, Idê Gurgel, Pedro Albuquerque e Angela do Amaral, “sob estas condições, ancoram-se a relação entre superexploração da força de trabalho e o desgaste precoce, uma vez que o prolongamento e intensificação das jornadas favorecerão a agudização e ampliação das cargas de trabalho” (Lira *et al.*, 2020, p.10).

Maria Graça Druck (2013) destaca também que as principais formas de expressão do processo de precarização do trabalho estão associadas à mercantilização da força de trabalho, à precarização das condições trabalhistas e à vulnerabilidade das condições de segurança. É possível relacionar diretamente essas expressões ao cenário apresentado pelo documentário analisado. Ali, a informalidade aparece sob a forma da subcontratação/terceirização e “pejotização” dos trabalhadores, que administram seu próprio espaço e tempo. Já a precariedade das condições de trabalho e dos modos de organização aparecem na vulnerabilidade das condições de trabalho, que se evidenciam nas organizações espaciais das facções. Como evidenciado no documentário, elas não atendem às normativas técnicas de segurança, uma vez que os locais de trabalho não foram projetados para fins de produção, sendo associadas, em geral, a espaços domésticos e improvisados.

Um dos elementos que nos permite perceber a condição de precariedade que incide na construção da identidade individual e coletiva do trabalhador (em seu reconhecimento e valorização simbólica) está vinculado à percepção de que, no documentário, os trabalhadores entrevistados não se reconhecem como operários, mas, sim, como empresários – vendo, inclusive, a condição de trabalhador/operário como um retrocesso com relação à forma como percebem suas atuais condições de trabalho. Esse aspecto identitário repercute, ainda, na deterioração da representação e organização sindical, que, junto à modalidade da terceirização e ao incentivo ao empreendedorismo, leva os trabalhadores a uma condição de vulnerabilidade política.

A pesquisa “Superexploração e desgaste precoce da força de trabalho: a saúde dos trabalhadores de confecção” (Lira *et al.*, 2020) nos auxilia também na análise do processo de precarização no âmbito material, representada no documentário. Realizado entre 2017 e 2018, o estudo investiga as facções instaladas em dois municípios do Polo de Confecções do Agreste Pernambucano, Toritama e Santa Cruz do Capibaribe. Os pesquisadores listam as “cargas de trabalho” identificadas no exercício da atividade de costura. Assim, junto ao documentário, podemos visualizar como o acúmulo de car-

gas físicas, psíquicas e fisiológicas é favorecido pelo ambiente doméstico no qual essas atividades são exercidas.

Tal como nas imagens seguintes, extraídas do documentário analisado, com pouca ou nenhuma segurança, os trabalhadores executam longas jornadas de trabalho em espaços que expõem os indivíduos a fatores como as partículas químicas dos tecidos, o calor e mobiliário impróprio, representando um maior desgaste do trabalhador, ocasionando adoecimentos, acidentes de trabalho e até mesmo a morte precoce (Lira *et al.*, 2020). Em diversos momentos do filme, cenas em plano detalhe registram os trabalhadores manuseando objetos cortantes, como estiletes, tesouras e agulhas, sempre em ritmo acelerado, evidenciando a ausência de equipamentos de proteção na execução das atividades de costura.

Figura 2 - Trabalhadores em *Estou me guardando para quando o carnaval chegar*



Fonte: *Print* do filme.

Conforme Lira *et al.* (2020), o acúmulo de cargas de trabalho não é excludente: uma carga pode se somar a outras, o ruído, por exemplo, pode atuar como influência para as cargas psíquicas, aumentando, inclusive, a incidência de acidentes de trabalho. Para sermos concisos, não vamos descrever todas as situações do documentário que revelam o acúmulo dessas cargas, como os indícios de calor através do suor no corpo ou a insegurança do maquinário em locais onde crianças circulam. Mas queremos destacar o fator "ruído", já que essa carga é mobilizada pelo diretor na composição narrativa de modo mais incisivo. "Decido cortar o som. O barulho ensurdecedor das máquinas me causa ansiedade" (2019, 28'55"), diz Marcelo Gomes sobre o ruído mecânico contínuo, enquanto as imagens mostram uma cena em plano fechado de mãos trabalhando incessantemente na costura do jeans.

Ao longo da montagem do filme, há diversas sequências que não abrangem a constância do barulho presente nas facções. Isso ressalta a relevância dessa cena, na qual a experiência compartilhada por Marcelo Gomes interfere na narrativa de modo a tensionar o problema da “carga física”, o ruído, a que os trabalhadores das facções estão expostos. Mas não só, pois as memórias do diretor sobre sua experiência com uma Toritama “do passado” entram em conflito com a Toritama do presente, transformada pelo capital, pelos processos de industrialização e pela precarização.

A nosso ver, a explicação do diretor sobre a decisão de trocar o ruído das máquinas por uma trilha sonora naquele momento singular altera a percepção sobre a realidade em que os personagens estão inseridos, evidenciando o esforço narrativo de explicitar o impacto sonoro da exploração laboral. Ao longo do documentário, esses sons estão presentes, por vezes, ao fundo, menos proeminentes, sinalizando que ali se configura um ambiente composto por barulhos variados (das máquinas de costura, de tingimento, da lavagem, dos estampidos dos botões e tachas sendo aplicados). Ainda que de forma mais sutil que no fragmento anteriormente destacado, essas sonoridades atuam na construção da narrativa do documentário. Como um som de fundo que se naturaliza, essas sonoridades revelam uma ambiência laboral que transborda nas cenas, incitando outras sensibilidades para evidenciar as duras cargas a que os trabalhadores estão expostos.

Além disso, a construção discursiva do documentário, a todo o momento, aposta na justaposição das imagens da precarização com os relatos positivos no que se refere ao trabalho nas facções, mostrando as contradições que envolvem o contexto. Mas, diante de todos esses aspectos apresentados, surge a pergunta: se a deterioração das condições de trabalho é flagrante no documentário, por que o discurso dos personagens reflete apenas o sentimento de benefício da autogestão?

Empreendedorismo e sentimento de liberdade

O sentimento de independência, presente no discurso dos trabalhadores retratados em *Estou me guardando para quando o carnaval chegar*, revela como, aliada à reestruturação do modelo de produção e à eliminação de direitos por meio do aparato jurídico e institucional, a estratégia neoliberal atua na subjetividade dos indivíduos. Segundo Brown,

à medida que a cidadania neoliberal deixa o indivíduo livre para cuidar de si mesmo, ela também o compromete, discursivamente, com o bem-estar geral – demandando sua fidelidade e potencial sacrifício em nome da saúde nacional ou do crescimento econômico (Brown, 2018, p. 10).

Sob essas circunstâncias, o trabalho árduo é apresentado como solução para o desenvolvimento econômico nacional. O estímulo à “cidadania sacrificial” (Brown,

2019), promovendo a identificação dos sujeitos como capital humano, faz com que a classe trabalhadora colabore na manutenção de um projeto político e econômico que os agride institucionalmente, por meio da retirada de seus direitos, fisicamente, pela deterioração de sua existência e, subjetivamente, através da autoexploração.

Para o filósofo Byung Chul-Han, “a atual crise de liberdade consiste em estar diante de uma técnica de poder que não rejeita ou oprime a liberdade, mas a explora” (Han, 2018, p. 27). Ou seja, mesmo que esteja em circunstâncias de trabalho precário, o trabalhador precisa positivá-las subjetivamente – e é incentivado a isso – para não inviabilizar o uso de sua força nas atividades produtivas. Os indivíduos são governados de modo a se comportarem como empresas autônomas, livres de coerções hierárquicas explícitas, mas que competem entre si no livre mercado.

Nesse aspecto, avaliamos que a reestruturação produtiva é essencial para viabilizar esse sentimento positivo de “liberdade”, pois se estivessem em um modelo de produção fordista, em uma fábrica com hierarquias e processos definidos por terceiros, a coerção externa agiria como um fator negativo. Para Han (2015), a “negatividade da proibição” é uma característica da sociedade disciplinar. Em contrapartida, a sociedade de desempenho é definida pela positividade do poder ilimitado. O sentimento de poder é motivador e, no trabalho, é acionado pelo desejo de maximização da produtividade.

Dardot e Laval (2016) afirmam que a “gestão das mentes” é essencial para a formação do sujeito neoliberal. O uso de técnicas administrativas para a “governança” (Brown, 2019) visa a ampliar a lógica contábil para todos os aspectos da vida desses sujeitos por meio de discursos estimulantes em torno da figura empresarial. Segundo os autores,

Não estamos mais falando das antigas disciplinas que se destinavam, pela coerção, a adestrar os corpos e a dobrar os espíritos para torná-los mais dóceis – metodologia institucional que se encontrava em crise havia muito tempo. Trata-se agora de governar um ser cuja subjetividade deve estar inteiramente envolvida na atividade que se exige que ele cumpra. Para isso, deve-se reconhecer nele a parte irredutível do desejo que o constitui. (Dardot; Laval, 2016, p. 359).

Em outras palavras, “o disciplinamento corporal dá lugar à otimização mental” (Han, 2018, p. 40) e os desejos da classe trabalhadora são influenciados por meio de uma “subjetivação contábil e financeira” (Dardot; Laval, 2016). A lógica individualista e sacrificial que constitui o “neosujeito” motiva o trabalho excessivo por meio do desejo de liberdade e de autonomia, ideias que são reforçadas pela possibilidade de ser “dono” de uma empresa, de ser o próprio “patrão”. Esse sentimento pode ser verificado no discurso dos trabalhadores retratados no documentário e corroboram nossa discussão sobre a transformação da atitude dos sujeitos em relação ao emprego da sua força de trabalho, aos seus vínculos sociais e em relação a si próprio.

O personagem Léo, por exemplo, explica o trabalho em Toritama da seguinte forma: “você ganha o que faz. Quanto mais você arrocha o nó, você ganha dinheiro. O negócio é trabalhar mesmo. Não tá conversando, não tá se empancando, é trabalhar, porque isso aqui é produção” (2019, 16’11”). Ou seja, a pausa não é interessante para quem tem nesse ofício sua única fonte de renda, pois o descanso no trabalho por peça não é remunerado. Nesse cenário, as estratégias neoliberais de caráter disciplinar impõem os sujeitos a trabalharem sempre mais, reforçando o pensamento meritocrático da recompensa pelo trabalho árduo e incentivando a competitividade entre eles (Dardot; Laval, 2016).

Estimular esse discurso meritocrático através de iniciativas como a legislação que viabilizou a criação do microempreendedor individual (MEI), colabora para ressignificar os processos de precarização do trabalho. Isso porque, ao se propagar um ideal de sucesso que depende exclusivamente do trabalho árduo, emergem outras formas de relações sociais e outros modos de vida, que, como vimos, são economicamente benéficas à empresa contratante.

No artigo “Empreendedorismo Tupiniquim”, Alvim, Castro e Nunes (2018) esquematizam as definições para o termo “empreendedor” e os tipos de empreendedorismo, fazendo uma análise crítica ao fomento dessa prática e identificando a “razão empreendedora” como uma “imposição de um conjunto de ideias, valores e comportamentos, formulado conforme os interesses de um grupo social relevante, claramente direcionado para a manutenção de relações de dominação/exploração” (2018, p. 79).

Se as principais características do “empreendedor” são a ação e a inovação frente às oportunidades no mercado, assumindo riscos para o resultado econômico (Alvim; Castro; Nunes, 2018), observamos que os personagens apresentados no documentário não se encaixam nessa definição, pois, se empregam suas horas e sua força de trabalho em excesso, é porque não veem outro modo de conseguir uma vida digna, sua finalidade não é acumular bens. A parcela da população que desenvolve atividades informais como único modo de subsistência é levada ao “empreendedorismo por necessidade” (Alvim; Castro; Nunes, 2018), pois eles não teriam outras vias de inserção no mercado de trabalho.

Apesar da necessidade, existe uma tendência de financeirização do desejo. Relatos de diversos personagens revelam como seus sonhos de vida são baseados em interesses materiais: “Meu sonho é ver minha empresa crescendo cada dia mais” (2019, 56’32”); “uma casa confortável” (2019, 56’36”); “minha visão é ter minha casa, somente” (2019, 56’53”); “Para nós que trabalhamos no jeans, todos nós que sonha, chegar no ponto máximo, você fabricar, ser dono do seu próprio negócio” (2019, 57’01”).

A fim de alcançar seus objetivos, os personagens precisam de capital, ou seja, seus desejos não são desvinculados do trabalho: “O meu sonho sempre vai ser trabalhar” (2019, 56’28); “Meu sonho é ser rico” (2019, 50’18”). Se na produção em Toritama,

o lucro dos trabalhadores é obtido em relação ao número de peças que eles produzem, a efetivação de seus desejos só pode ser alcançada através do trabalho incessante. Em outras palavras, a ilusão meritocrática os faz crer que a realização do sonho depende do quanto trabalham, evidenciando no discurso a presença de estratégias neoliberais que conduzem a nossa sociedade.

Considerações finais

Os aspectos que apontamos e visualizamos no documentário indicam o cenário de um processo mundial de precarização do trabalho e, portanto, apontam para a relevância da linguagem cinematográfica como meio de discutir as condições de vida da classe trabalhadora e estimular o pensamento crítico. A análise do discurso audioverbovisual como abordagem metodológica, fundamentada na teoria foucaultiana sobre a formação dos discursos (Foucault, 2020; Brandão, 1993), auxiliou na observação da relação de nosso objeto com o contexto social e histórico com base em uma discussão teórica sobre a doutrina neoliberal e suas estratégias.

Com essa discussão, foi possível identificar diversos aspectos do processo de precarização do trabalho. No aspecto institucional, a formalização da flexibilização das relações de trabalho, fundamental para os objetivos econômicos do setor privado ao estabelecer uma rede de empresas que fortalecem a lógica concorrencial, privam os trabalhadores de seus direitos trabalhistas mais básicos.

Já a reestruturação produtiva, que incide diretamente na materialidade do trabalho, viabiliza a exposição dos trabalhadores das facções a variadas formas de "cargas de trabalho". *Estou me guardando para quando o carnaval chegar* coloca em cena a presença de fatores nocivos à saúde e que agravam a situação precária da profissão nas facções têxteis.

A análise do discurso dos personagens, que expressam a promessa e o desejo de "liberdade" de ser o próprio "patrão", permite-nos questionar como a transformação da subjetividade da classe trabalhadora é um meio de transferir para eles a responsabilidade do cálculo de ganhos a partir de sua produção individual. Nesse sentido, o incentivo ao empreendedorismo individual alinha-se ao sistema neoliberal à medida que impele o trabalhador informal a pensar em si como uma empresa competitiva.

Em uma conjuntura na qual o estímulo para a execução de longas jornadas de trabalho informal em espaços precários agrava o desgaste precoce dos trabalhadores, a autonomia desses sujeitos deveria ser um problema e não propagandeada como solução econômica. Se as políticas de austeridade próprias da doutrina neoliberal, que retiram ou reduzem dos orçamentos os meios de promover o bem-estar social, responsabilizam os trabalhadores por sua própria sobrevivência em um contexto político marcado pela desigualdade social, podemos avaliar que essa condição de trabalho não é uma opção, e sim uma necessidade.

Agradecimentos

O presente trabalho foi realizado com financiamento da Fundação Universidade Federal de Ouro Preto e com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (Capes) – Código de Financiamento 001.

Referências

ALVIM, Joaquim Leonel de Rezende; CASTRO, Carla Appollinario; NUNES, Tiago de Garcia. Empreendedorismo Tupiniquim: notas para uma reflexão. **Revista Estado, Finanças e Tributação**, Niterói, v. 1, n. 1, jan./jun. 2018.

ANTUNES, Ricardo. **Adeus ao trabalho?** Ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho. São Paulo: Cortez, 2016.

ANTUNES, Ricardo. **Os Sentidos do Trabalho**: ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho. 2. ed. São Paulo: Boitempo, 2009.

BRANDÃO, Maria Helena Nagamine. Análise do Discurso. In: BRANDÃO, Maria Helena Nagamine. **Introdução à análise do discurso**. Campinas: Editora da Unicamp, 1993. p. 7-46.

BROWN, Wendy. **Cidadania sacrificial, neoliberalismo, capital humano e políticas de austeridade**. Trad. Juliane Bianchi Leão. Rio de Janeiro: Zazie Edições, 2018.

FERNANDES, Cíntia Sanmartin; HERSCHMANN, Micael; BARROSO, Flávia Magalhães. Corpo, cidade e festa: as “performances do dissenso” no carnaval de rua carioca. **Interrin**, v. 24, n. 1, p. 157-175, dez. 2019.

HAN, Byung-Chul. **Sociedade do cansaço**. Petrópolis: Vozes, 2015.

HAN, Byung-Chul. **Psicopolítica**: O neoliberalismo e as novas técnicas de poder. Belo Horizonte: Editora Âyiné, 2018.

DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. **A nova razão do mundo**: ensaio sobre a sociedade neoliberal. São Paulo: Editora Boitempo, 2016.

DRUCK, Maria Graça. A precarização social do trabalho no Brasil: alguns indicadores. In: ANTUNES, R. (org.) **Riqueza e miséria do trabalho no Brasil II**. São Paulo: Boitempo, 2013. p. 60-73.

FOUCAULT, Michel. **As palavras e as coisas**: uma arqueologia das ciências humanas. Martins Fontes: São Paulo, 2000.

LIRA, Paulo V. R. A. *et al.* Superexploração e desgaste precoce da força de trabalho: a saúde dos trabalhadores de confecção. **Trabalho, Educação e Saúde**, v. 18, n. 3, 2020. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/1981-7746-sol00275>.

MARX, Karl. Seção 16 – O salário. Capítulo 19 – O salário por peça. *In*: MARX, Karl. **O capital**: crítica da economia política. Livro I: o processo de produção do capital [1867]. Trad. Rubens Enderle. São Paulo: Boitempo, 2013. p. 411-419.

NICHOLS, Bill. O que dá aos documentários uma voz própria? *In*: NICHOLS, Bill. **Introdução ao documentário**. 4. ed. Trad. Mônica. Saddy Martins. Campinas: Papirus, 2009. p. 72-92.

SOUTO, Mariana. O operário e o trabalho no cinema brasileiro documental: uma série histórica. *In*: ENCONTRO ANUAL DA COMPÓS, 29., Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande (MS), 2020. **Anais** [...].